

Os fatores determinantes da preservação da tradicional Festa do Divino na comunidade do Campeche (Florianópolis/SC)

Determining factors of the preservation of the traditional Holy Spirit Feast in the community of Campeche (Florianópolis, SC)

Renata Siuda-Ambroziak¹

Resumo: O presente estudo busca proporcionar ideias preliminares sobre alguns fatores que contribuem, apesar de várias adversidades e transformações contemporâneas, para a preservação do fenômeno popular religioso da Festa do Divino em Florianópolis, no antigo bairro açoriano e pescador do Campeche. A Festa do Divino continua sendo o maior evento comunitário católico para a população nativa do Campeche, mas também para pessoas de fora, que assistem às celebrações como convidadas ou turistas. Segundo a pesquisa, os fatores determinantes que viabilizam a manutenção da festa são de caráter econômico, religioso, cultural e sociocultural, entre eles: o apoio institucional material para a organização da festa, a tradição da participação familiar, o aparecimento dos verdadeiros “clãs” devotos do Divino, o prestígio dos festeiros na comunidade e a atratividade da festa – uma verdadeira performance coletiva espetacular, com foliões musicais tradicionais, ricos trajes ornamentais, parte profana de confraternização geral.

Palavras-chave: Festa do Divino; Fatores de preservação; Tradição; Religiosidade popular

Abstract: The paper seeks to provide preliminary ideas about some factors that contribute, despite several adversities and various contemporary transformations, to the preservation of the popular religious phenomenon of the Divine Holy Spirit Feast (Festa do Divino) in Florianópolis, in the old Azorean and fisherman neighborhood of Campeche. The Festa do Divino remains the biggest Catholic community event for the native population of Campeche, but also for many outsiders who attend the celebrations as invited guests or tourists. According to the research, the determining factors of the maintenance of the Festival are of an economic, religious, cultural and sociocultural nature, among them: financial institutional support for its organization, the tradition of family participation and the emergence of genuine “clans” of the Divino devotees, the prestige of the organizers in the community and the attractiveness of the Festa itself – a truly spectacular collective performance, with traditional musical bands, rich ornamental costumes, a profane part providing space for general socializing.

Keywords: Feast of the Divine Holy Spirit; Factors of preservation; Tradition; Popular religiosity.

¹ Doutora em Filosofia Social, pós-doutora em Sociologia pela UFSC, professora do Centro de Estudos Americanos do Instituto das Américas e Europa da Universidade de Varsóvia, coordenadora do Grupo de Pesquisa dos Estudos Brasileiros, pesquisadora visitante – bolsista da UERJ, PPG em História Social. E-mail: r.siuda@uw.edu.pl

Introdução

A devoção ao Divino Espírito Santo é a maior expressão da religiosidade popular dos açorianos e seus descendentes não somente no Brasil, mas em todo o mundo (LEAL, 2017). A Festa do Divino, com as suas origens remontando a Portugal medieval durante o reinado do D. Dinis e da rainha Isabel de Aragão (beatificada em 1517 e canonizada em 1742), foi divulgada nos Açores e depois espalhada pelos migrantes açorianos, os quais também chegaram, em meados do século XVIII, na Ilha de Santa Catarina, onde logo começaram a organizar os primeiros festejos populares, que se tornaram a maior referência da sua presença no território brasileiro (LEAL, 2017).²

Esse legado representa também a manifestação muito significativa da cultura religiosa popular no Brasil, com suas celebrações e práticas sacro-profanas nos rituais, na simbologia e nas vivências e convivências das comunidades locais católicas. A religiosidade popular do catolicismo brasileiro, em seu caráter geral, agrega os fenômenos religiosos mais variados, com as suas raízes não necessariamente confirmadas na doutrina ou na liturgia oficial da Igreja, destacando-se precisamente entre eles vários elementos festivos, sempre de caráter inclusivo, que humanizam o divino, tornando-o mais próximo, intimista e familiar, mais acessível para os devotos, que conseguem, por meio de promessas, alcançar várias graças (MAUÉS, 1995).

A religiosidade popular “é realmente uma forma de experiência religiosa vivida empiricamente por fiéis. Ela é um organismo vivo [...] que se desenvolve transformando-se” (MESLIN, 2001, p, 226). Portanto, alguns dos seus fenômenos festivos e eventos religiosos de caráter popular, com o passar do tempo, perdem a sua visibilidade, sofrem modificações ou simplesmente, por vários motivos, deixam de existir (CASTRO, 2002; MENEZES, 2007). Como apontam Mariano e Siuda-Ambroziak (2021), as Festas do Divino no Brasil também têm sofrido essas transformações: as mudanças ocorridas na celebração da festa, sejam espontâneas ou intencionais, são simplesmente inerentes ao processo e ao contexto sociocultural em que ela acontece. No entanto, a Festa do Divino, evoluindo e mudando em alguns aspectos junto com as comunidades que a celebram e a influenciam, consegue conservar ainda o seu antigo *script* (enredo, etiqueta, protocolo) ritual, a sua essência e o seu significado quase intatos, mantendo as suas características próprias e as peculiaridades da herança cultural açoriana, balanceando entre a contemporaneidade e o passado, as modas passageiras e a tradição conservadora.

Neste artigo, sendo ao mesmo tempo um breve relatório da pesquisa de campo, pretendo procurar algumas determinantes (religiosas, culturais, socioculturais, econômicas) da permanência e da resistência cultural da Festa do Divino como a maior e mais notável festa católica popular na comunidade do Campeche, que a organiza na pequena Igreja de São Sebastião, a qual é datada de 1840 e acompanhada pelo edifício clássico do Império³ do Espírito Santo e pela Santa Cruz no seu conjunto arquitetônico, tombado pela decisão do prefeito de Florianópolis nº 125/88 em dia 23 de maio de 1988.

As principais perguntas que nortearam a pesquisa foram as seguintes: Quais as características e os personagens mais marcantes da festa? Por que a comunidade local apoia a organização da festa e continua participando? O que atrai o público em geral? Quais são os fatores determinantes mais importantes que influenciam a preservação da festa?

Baseando-me na pesquisa de campo, vou tentar demonstrar que os fatores que viabilizam a manutenção da festa são, entre outros: econômicos, isto é, pelo acesso dos festeiros (principais organizadores) aos recursos externos para a sua organização; religiosos, pela tradição de promessas ao Espírito Santo; culturais, pela participação familiar, o poder dos “clás” locais vinculados ao Culto do Divino e o prestígio dos festeiros e imperadores na comunidade; e socioculturais, pela atratividade da Festa do Divino para todos os participantes pela presença do cortejo imperial e da parte profana, sempre envolvendo importante e esperada confraternização comunitária.

As informações utilizadas adiante foram coletadas por meio da observação participante das duas festas no Campeche (2018 e 2019) e das conversas realizadas com organizadores e participantes da Festa do Divino, inclusive aqueles que desempenharam o papel dos festeiros. A aplicação das técnicas facilitou a aproximação de práticas da festa e seus atores e participantes, assim como a compreensão de alguns fatores que influenciam a preservação dessa tradição do catolicismo popular de origem açoriana nessa localidade. No artigo vou me aproximar da interpretação da Festa do Divino Espírito Santo no Campeche como um importante fenômeno da religiosidade popular e, ao mesmo tempo, uma, *sui generis*, performance religiosa coletiva, treinada, ensaiada e repetida anualmente, tentando explicar a sua resistência perante as mudanças e transformações constantes do meio sociocultural em que ela acontece.

Características da Festa no Campeche: o *script* e os seus personagens

Campeche é atualmente uma das seis comunidades do distrito do Campeche de Florianópolis (criado por meio da Lei Municipal nº 4.805, de 12 de dezembro de 1995), localizado no sul da Ilha de Santa Catarina. Antigamente Campeche era uma comunidade de pescadores, em sua maioria de origem açoriana, mas também de descendentes de indígenas e africanos, e até hoje o lugar é famoso por sua pesca artesanal de tainha, com a participação da comunidade nos arrastões na praia e as famosas aberturas da época da pesca com a missa no rancho dos pescadores.

Figura 1 – Mapa demonstrando a localização do Campeche, Florianópolis (SC).



Fonte: Google Maps.

A história do Campeche destaca-se pela existência de um local de aterrissagem de aviões franceses na década de 1920 e, por isso, pelas visitas regulares do famoso escritor francês e piloto, Antoine de Saint Exupéry (chamado pelos pescadores nativos de Zé Perri), que deixou as suas marcas na lembrança coletiva da população local, refletidas hoje nos nomes de avenidas, bares, etc.

Somente na década de 1970 a localidade ganhou a luz elétrica e, nos anos 80, o asfalto. Atualmente, graças à construção recente do aeroporto internacional nas suas proximidades, Campeche atrai números elevados de novos moradores de fora, inclusive de outros estados e do estrangeiro. O quadro natural contribui para a implementação do turismo. A comunidade cresce rapidamente e os habitantes nativos já constituem a minoria da população, com tradições locais sofrendo modificações ou, às vezes, sendo ameaçadas de extinção. No entanto isso não está acontecendo com as celebrações da Festa do Divino, que não param desde a sua

introdução na própria comunidade em 1954, apesar de algumas transformações e modificações.

A Festa no Campeche começou a ser organizada recentemente, pela primeira vez em 1954. Antes dessa data a população do Campeche participava, segundo as informações coletadas, da festa organizada na Lagoa da Conceição, comunidade vizinha, que era mais rica e numerosa. A Festa do Divino espalhava-se na Ilha de Santa Catarina desde o seu início pelo “brotamento”, quando as comunidades menores, marginalizadas e de baixo poder aquisitivo, evoluindo e crescendo, começavam a desejar a organização da sua própria Festa do Divino.⁴

Sobre os inícios da festa na localidade, as informações recebidas das lideranças locais leigas da paróquia e dos grandes promotores da Festa do Divino, o casal Onofre Lucio Pires e Valdécia da Silva Pires, são as seguintes: em 1953 o novo pároco, padre Evaldo Valdi, obteve do arcebispo da arquidiocese, Dom Joaquim, a permissão e o apoio para a aquisição da bandeira, da coroa, do cetro, do tambor e das alfaias (tochas e ópas) para a comunidade do Campeche. Os primeiros festeiros, em 1954, foram José Firmino e Maria Carlota de Jesus, sua esposa, e os festejos restringiram-se somente a uma procissão com quadros dos santos ao redor da igreja. As festas dos anos seguintes já contavam com o cortejo real, primeiramente com um casal de crianças “alugadas” da comunidade de Ribeirão da Ilha, onde a festa já tinha sido organizada antes e, portanto, as crianças tinham os trajes adequados, que faltavam ainda na comunidade do Campeche. Até meados da década de 1960 os cortejos eram compostos por imperadores e um casal de crianças. Era feito um trono para que as crianças se sentassem e ao lado de cada uma era posto um pires enfeitado para receber doações em dinheiro destinadas à festa. Nos dias seguintes as crianças eram levadas para a cidade para serem fotografadas. Um senhor chamado Francinha vinha da comunidade do Ribeirão da Ilha enfeitar as casas dos imperadores e a capela, o que fazia com ajuda das mulheres locais (Dona Benta, Dona Bilica, Dona Mena, Dona Honorata, Dona Edvirges, etc.). As casas eram ornamentadas com papel crepom, celofane, rendas e tules. Depois das missas e das novenas todos os participantes eram servidos de farta comida e bebida. Como a vinda do padre era rara, a oportunidade da festa era aproveitada para serem feitos batizados e casamentos. Entre as décadas de 1960 e 1980 o número de crianças no cortejo começou a crescer, conforme as possibilidades financeiras do casal imperador/festeiro. A escolha dos festeiros era feita somente pelo convite, levando-se em conta o poder aquisitivo dos candidatos. Por isso, entre os anos 1985 e 1997, os imperadores eram sempre escolhidos das outras comunidades mais ricas, principalmente da Lagoa de Conceição, o que significava que por 12 anos a Festa do Divino no Campeche não teve festeiros da sua comunidade,

sempre pessoas de fora. A comunidade achava que era injusto o método da escolha dos festeiros e a impossibilidade das pessoas nativas do Campeche fazerem a própria festa, talvez menos abastecida. Para não continuar excluindo a população local, foi introduzido o sorteio. Em 1997 Onofre e Valdécia colocaram-se, como primeiros, à disposição para receber a bandeira e organizar a festa, o que aconteceu um ano depois. No entanto o sorteio começou a funcionar somente em 2000, para que a comunidade pudesse assimilar essas mudanças. Nesse ínterim, no entanto, os casais imperadores convidavam somente os festeiros da sua comunidade.

Figuras 2 e 3 – As duas Festas do Divino organizadas pelo casal festeiro Onofre e Valdécia.



Fonte: Figura 2: álbum de memórias da Festa do Divino da Comunidade do Campeche; Figura 3: álbum da família Onofre e Valdécia Pires.

Apesar do fato de, na maioria dos casos, as Festas do Divino Espírito Santo no Brasil realizarem-se nas proximidades do Domingo de Pentecostes, em Florianópolis a celebração delas encaixa-se atualmente no calendário festivo da diocese local, que inclui várias paróquias e suas comunidades. Antigamente, às vezes, a festa acontecia também noutras datas em virtude de chuvas ou outros problemas com o tempo, por exemplo. Agora o planejamento centralizado faz com que as festas nas comunidades vizinhas não aconteçam exatamente ao mesmo tempo e elas possam se convidar, reciprocamente, em vez de competirem pelo público.⁵

Mesmo que alguns pequenos elementos sejam alterados a cada ano, a estrutura ritualística⁶ da Festa do Divino no Campeche é praticamente fixa e costuma se repetir. De forma geral, os elementos que compõem a festa e a simbologia do Divino utilizada no Campeche é a mesma que noutros lugares onde a festa é celebrada: a coroa, o cetro, a salva, a pomba, a bandeira do Divino, a corte imperial, o casal imperador, os festeiros, a coroação, a procissão, as novenas, as missas, as promessas, as massas, as cantorias, os foliões, os fogos de artifício, os folguedos, todos compõem conteúdo do ritual longo e pomposo, misto do religioso, do profano e do folclórico. No entanto a comunidade do Campeche tem também as suas pequenas especificidades, que refletem na organização da sua festa. Uma delas, por exemplo, é o périplo da bandeira do Divino, que continua, assim como antigamente, saindo pelas casas dos habitantes antes da festa para recolher as doações para a sua organização.

Figuras 4, 5 e 6 – As bandeiras do Divino Espírito Santo da comunidade do Campeche e o álbum com fotos da Festas realizadas desde 1998 mostradas por uma das lideranças leigas da paróquia, Sra. Eliseane Rocha da Silva.



Fonte: a autora.

Na sequência ritualística da Festa do Campeche, assim como noutros lugares, os destaques são sempre a corte e o séquito imperial. O número de participantes geralmente é fixo – a corte conta com o imperador e a imperatriz e pelo menos oito pares de crianças, que desempenham o papel de pajens e damas. Dependendo das condições financeiras e das possibilidades de providenciar os trajes da época, bordados em tecidos nobres como seda e veludo, poderia haver mais participantes

no cortejo. Na maioria dos casos, fazem parte da corte os familiares e os amigos dos festeiros – organizadores principais da festa. Não é difícil achar também voluntários para participar do cortejo, caso seja necessário ou vontade dos festeiros: para os membros da comunidade católica é uma honra o convite e crianças e adolescentes adoram esse cerimonial solene e os trajes ricos, apesar do cansaço que a celebração pode também provocar às vezes.

Figuras 7, 8 e 9 – O cortejo infantil no final da missa festiva e as orgulhosas damas da corte.



Fonte: a autora.

O maior problema para os organizadores é fazer escolha de quem vai ser convidado, porque a formação da corte desperta o genuíno interesse de toda a comunidade. O cortejo obedece a uma ordem hierárquica, normalmente começando com porta-bandeiras, damas, pajens, imperadores, casal imperial (festeiros) com

insígnias do Divino, padre, membros da Irmandade de Santo, banda musical e outros participantes da festa.

Quanto aos papéis desempenhados na organização da festa, é preciso começar pelos organizadores principais da festa, os “festeiros” ou casal imperial, que escolhem outro casal, de “imperadores”, na maioria dos casos seus filhos, netos ou amigos, podendo ser adultos, crianças ou adolescentes.

Figuras 10 e 11 – O cortejo com os imperadores seguidos pelo casal de festeiros.



Fonte: a autora.

Outros personagens muito importantes na organização da festa são os membros da Irmandade do Santo, empenhados sempre profundamente nas preparações desse evento. Essa irmandade não é oficial – não foi legalmente constituída e não possui estatuto –, mas é legitimada pelo consenso da comunidade e seus membros gozam de prestígio e confiança. Ela foi criada com a finalidade principal de organização do culto em louvor do Divino Espírito Santo e da celebração da sua festa. Graças à sua existência,

a festa apresenta certa autonomia em sua organização e realização e o controle dos padres/do pároco não é sentido tão fortemente na programação e na execução dos festejos – muito mais importante é a Comissão de Assuntos Econômicos da Paróquia (CAEP), que administra as doações. Os membros da irmandade sempre aparecem nos preparativos (peditório da bandeira, périplo da bandeira ou saída da bandeira, em que ela percorre a comunidade coletando donativos para a festa) e nos cortejos imperiais vestindo roupa vermelha. Eles são os “guardiões” da bandeira do Divino Espírito Santo – bandeira vermelha, com a figura de uma pomba branca, o símbolo do Espírito Santo, bordada em branco ou prata no centro. Alguns irmãos são chamados de “brilhantes” – aqueles que, fazendo peditório, levam tochas acesas e acendem as velas nas casas que visitam, orando junto com a família e pedindo bençãos para os anfitriões. Eles se fazem acompanhar pelo grupo de foliões, que canta na entrada e na saída das casas e constitui mais um dos traços característicos da Festa do Divino no Campeche, ocupando um lugar de destaque antes (de costume, a folia sai com organizadores no período precedente à festa para coletar o dinheiro) e durante a festa.

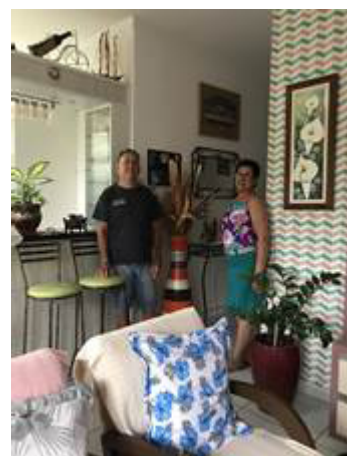
Figuras 12 e 13 – Os membros da Irmandade do Santo, João Alcino Costa e Osmar João da Cunha, preparando-se para os festejos e durante o périplo da bandeira.



Fonte: a autora.

A Cantoria do Divino está presente em praticamente todas as cerimônias, integrando, pelo canto e pela música, os ritos da festa. No Campeche é um grupo composto normalmente de quatro pessoas, músicos e cantadores das quadrinhas de louvor ao Divino com o famoso puxador da Cantoria do Divino, Bernadinho Rosalino Teixeira. Vale a pena sublinhar que já são raras as comunidades que mantenham viva essa tradição e que no Campeche normalmente acompanham o cortejo também alguns músicos locais, na maioria dos casos autodidatas.

Figuras 14, 15 e 16 – Os integrantes da Cantoria do Divino, no segundo plano, atrás do casal festeiro; os músicos acompanhantes do cortejo; e Bernadinho Rosalino Teixeira com a esposa durante a visita para entrevista da autora.



Fonte: a autora.

A Festa no Campeche, assim como noutros lugares, apresenta as partes definidas: o “correr” da bandeira do Divino, para fazer peditórios em prol da

organização da festa; o conjunto de cerimônias religiosas (novenas, *triduum*, missa solene com coroação e bênçãos); os ritos sacro-profanos (procissões imperiais); e os folguedos populares – apresentação de bandas musicais, shows, bailes, leilões, foguetório.

Os rituais da festa seguem, invariavelmente, um *script* tradicional: com a aproximação da data da sua realização, o envolvimento dos participantes se torna cada vez mais intenso com o ápice na sexta-feira à tarde, no sábado e no domingo. Na sexta-feira, ao anoitecer, pároco e membros da Irmandade do Divino com a bandeira do Divino, acompanhados por uma folia, vão buscar o casal imperador (festeiros) e a sua corte imperial para participarem da missa – é o “envio da bandeira”, levada junto com a coroa e o cetro da igreja à casa do festeiro. A Cantoria do Divino entra na casa, na qual os atributos do Divino são colocados no altar doméstico, e é cantada a última novena. Depois o cortejo parte da casa dos festeiros para a igreja.

Figuras 17 e 18 – A saída do cortejo da casa dos imperadores no Rio Tavares; e o Sr. Osmar João da Cunha com a esposa durante a entrevista sobre a devoção da família ao Divino Espírito Santo.



Fonte: Figura 16: álbum da família Cunha; Figura 17: a autora.

O estourar de foguetes anuncia a saída do cortejo e a sua chegada na igreja. A procissão se move lentamente ao som da música e das cantorias da folia tradicional. Após a celebração litúrgica os festeiros e a corte imperial saem da igreja para o pátio, onde recebem homenagens. O ritual de sexta se repete no sábado. A missa do sábado conta com um cortejo real que se dirige à igreja, a presença dos imperadores do Divino, a sua corte real e os festeiros em posição de destaque próximos ao altar bem como as pregações e os cânticos relacionados ao Divino Espírito Santo. Finalizada a missa solene, o cortejo imperial se dirige ao Império (ou teatro, como esse edifício é chamado), onde recebe homenagens dos participantes da festa e, após o fechamento do templo, à noite, é iniciada a festa profana no pátio externo, na frente da igreja – um momento de convívio social e consumo dos produtos comercializados pelos organizadores da festa.

Figuras 9, 20, 21 e 22 – Parte profana da Festa do Divino no sábado, depois da missa.



Fonte: a autora.

A partir desse momento o movimento no local torna-se ainda significativo, tendo em vista que, além da movimentação dos que estavam na missa, também

chegam outras pessoas para participar apenas da parte secular da festa. Esse público, que participa exclusivamente da festa profana, é formado por pessoas que, apesar de não frequentarem a igreja (ou essa igreja), apreciam a Festa do Divino por sua programação cultural bem como pela socialização que os festejos possibilitam, e inclui também membros de outras comunidades, turistas, pessoas de outras crenças.

A programação cultural dos festejos é realizada num palco montado no pátio da igreja. Alguns participantes dançam durante as apresentações da banda musical, enquanto outros permanecem sentados, observando os dançarinos, conversando e consumindo petiscos e bebidas.

A categorização dos rituais entre sagrado e profano está presente nos festejos, demonstrando uma perfeita complementariedade entre as duas categorias: o fato de um evento ter músicas, danças e levar as pessoas a uma dimensão de convivência não restritamente religiosa não necessariamente deve ser considerado como algo inapropriado. A parte profana, que acontece após os rituais religiosos, fortalece os laços sociais, reúne as pessoas bem como facilita os reencontros e a colaboração nas questões organizativas no futuro, ressaltando as relações sociais tecidas intensamente durante a realização da festa. Observa-se uma reafirmação da posição social do casal imperador festeiro e o seu reconhecimento no seio da comunidade. Não fogem disso também as comparações com as festas anteriores: quantidade de pessoas presentes, autoridades, ornamentação, luxo dos trajes, investimentos e sucesso financeiro. As relações sociais estabelecidas durante a preparação e os dias da festa assumem grande proporção devido ao grau de sua intensidade entre vários círculos: familiares, amigos, vizinhos, colaboradores.

Os turistas ou pessoas de fora da comunidade (também o caso da autora) têm plena consciência do fato de que a celebração não é montada para “o inglês ver”. A presença das pessoas de fora acrescenta brilho e providencia uma renda adicional, mas o festejo é comunitário, familiar.

A parte da confraternização se encerra no início da madrugada, porque as festividades do Divino voltam logo pela manhã e a equipe envolvida na organização dos festejos é praticamente a mesma em todos os dias de sua realização. O domingo da Festa do Divino é considerado o dia mais importante dos festejos, pois sua programação reúne os rituais mais elaborados da festa e inicia com uma alvorada festiva⁷, com queima de fogos. O domingo é o ponto culminante da festa: é quando acontece, no final da celebração da missa, a coroação dos imperadores – a cerimônia mais sublime e significativa de toda a festa.

Figuras 23 e 24 – Preparação para a coroação dos imperadores na missa do domingo.



Fonte: a autora.

A procissão do domingo conta com um número consideravelmente maior de participantes em sua realização, assim como os demais rituais realizados nesse dia. A Missa do Divino dura cerca de duas horas e meia, contém hinos de louvor ao Espírito Santo cantados pela folia, Te-Deum, homilia e ato solene de coroação. A igreja e o seu pátio alcançam sua lotação máxima. Depois da missa são comercializadas comidas, é servido o almoço festivo comunitário (cobrado) no centro paroquial. Toda renda resultante da comercialização dos pratos é revertida para a igreja e quem se envolve na preparação da comida são os próprios membros da comunidade.

Durante o horário do almoço são iniciadas novamente as apresentações culturais da festa. Há sempre música, baile popular e queima de fogos de artifício. A programação dos festejos continua com apresentações de grupos folclóricos de Boi de Mamão e de conjuntos musicais locais, até mais ou menos três horas da tarde, quando é iniciado o leilão das doações (na maioria das vezes são vendidas as massas sovadas ou doces, feitas como pagamento de promessa, na forma de uma parte do corpo que deu motivo à promessa) – um dos pontos altos da festa e uma das atrações que reúne o maior número de pessoas. A procura pelas massas ou pelos pãezinhos do Espírito Santo é muito grande – o consumo significa oportunidade para beneficiar-se com os dons divinos. Todos os recursos financeiros provenientes das arrematações do leilão são também destinados exclusivamente às necessidades da comunidade pertencente à igreja de São Sebastião e à realização da próxima Festa do Divino.

Figuras 25 e 26 – Preparação do almoço comunitário no centro paroquial; e a comida servida (almoço cobrado).



Fonte: a autora.

Finalizados o leilão e as apresentações musicais, aguarda-se a realização do sorteio da “Ação entre amigos”. O padre e alguns integrantes da equipe sobem ao palco para realizá-lo. Logo depois inicia-se o sorteio dos festeiros que irão organizar a festa do ano seguinte, após a invocação ao Espírito Santo. O ritual do sorteio marca o encerramento oficial da festa em curso. Somente falta ainda a investidura do novo casal imperador, que recebe do casal festeiro atual a bandeira, a coroa e o cetro.

Figuras 27 e 28 – Repasse da coroa e do cetro entre os casais de festeiros.



Fonte: a autora.

Fatores determinantes da preservação da festa na comunidade

Segundo as observações realizadas *in loco* assim como as informações coletadas dos participantes da Festa do Divino no Campeche, os fatores que facilitam a preservação dessa tradição secular parecem ser, antes de tudo, de cunho econômico (falta da necessidade de custear toda a festa pela família dos festeiros), religioso (ainda viva e muito forte tradição de promessas feitas ao Espírito Santo pela solução de vários problemas de saúde, profissionais, familiares, etc.), cultural (a organização da festa é vista como uma tradição das famílias, dos “clãs” dos devotos do Divino, passando várias vezes de geração em geração, assim como o grande prestígio que gozam na comunidade os festeiros) e sociocultural, pela grande popularidade da festa, não somente para os membros da comunidade religiosa do Campeche, inclusive os que não participam da organização de festejos ou não têm raízes açorianas, mas também para aqueles que nem entendem o significado religioso da festa, por estarem longe da igreja ou professarem outra fé, ou aqueles que participam somente como turistas/espetadores, por causa da curiosidade e por serem atraídos por vários elementos da festa, especialmente a parte profana, que

permite confraternização e aproximação das práticas folclóricas do povo nativo do Campeche.

Antigamente era o casal festeiro que assumia praticamente toda a responsabilidade financeira pela festa, às vezes contando com algum apoio dos familiares e amigos. Este fato de a festa ter que ser praticamente patrocinada por seus organizadores explicava a falta desta no Campeche por muitos anos – assim como já reparamos no início, a primeira Festa no Campeche, organizada por membros da comunidade local, aconteceu somente em 1954.

A preocupação dos organizadores é compreensível: a organização da festa exige muitos cuidados com ornamentos e trajes luxuosos e requer sempre um significativo recurso financeiro. A realização ainda hoje depende bastante dos festeiros e do apoio de sua rede de contatos: são eles que começam a buscar donativos já alguns meses antes da festa, visitando comércios e empresas locais em busca de patrocínios bem como solicitando ajuda a todos os membros da comunidade, inclusive seus familiares, amigos e vizinhos. Mas ultimamente uma boa parte de recursos provém já das fontes externas em relação ao casal festeiro: das festas anteriores, dos recursos da comunidade de São Sebastião, dos benefícios disponibilizados pelas leis de apoio à cultura popular, das fundações e das autoridades locais, no âmbito estadual e municipal. Isso, com certeza, facilita a tomada da decisão para participar do sorteio para os organizadores da festa, porque não coloca em xeque o bem-estar material da família dos festeiros – como ouvi dos que já fizeram a festa, os custos totais da organização podem somar o valor de um carro zero importado ou de um terreno. Portanto, o acesso aos recursos externos com certeza influi na preservação da festa. Adicionalmente, a crença compensatória sobre a recompensa pela dedicação e/ou pelo investimento por parte dos festeiros em forma de bênçãos futuras não nega outros aspectos de interesse secular daqueles que assumem o encargo: o grande prestígio e reconhecimento que isso traz na comunidade.

Outro fator, religioso, tem a ver com a fé e a religiosidade popular dos seus organizadores, que nas conversas sempre colocavam como uma das razões mais importantes para o seu envolvimento a sua profunda devoção ao Divino e as promessas feitas em prol da organização da festa para atingir várias graças. A devoção de organizadores e participantes mostra também, na maioria dos casos, o vínculo muito forte com o fator cultural: a longa tradição familiar, repassada por gerações, dos pais para os filhos – dessa maneira podemos enxergar, na lista dos casais festeiros, sobrenomes que se repetem (como, por exemplo, os casais de Pires, Inácio, Faustino, da Rocha, Nunes, Martins, Fernandes, da Silva). Existem no Campeche as famílias particularmente devotas do Divino que estimulam a participação ativa

de todos os seus membros – são os verdadeiros “clãs do Divino” no Campeche, que gozam de muito prestígio na comunidade religiosa local, inclusive participando de vários grupos pastorais da paróquia ou exercendo nela papéis administrativos.

Finalmente, parece que os motivos socioculturais da popularidade da festa não são menos importantes do que os já mencionados acima: por mais criticada que seja, às vezes, por alguns devotos mais conservadores, a parte “teatral”, performativa e social – profana – da festa atrai muitas pessoas de fora da comunidade, inclusive de fora da igreja – para esse público o significado religioso da festa permanece obscuro ou indiferente, mas ao assistirem aos festejos acabam tornando-os, pela sua presença, ainda mais notáveis, pelo número elevado de participantes. A parte profana da festa, que acontece sempre depois das missas festivas, também agrega popularidade a ela, constituindo, além da pesca artesanal da tainha, uma das já poucas oportunidades para confraternização despreocupada entre os integrantes da comunidade. A presença dos shows de música e folclore, inerentes à parte profana da festa, não somente ajuda a preservar as práticas folclóricas populares do povo nativo do Campeche como também acrescenta mais um atrativo para o público participante da festa. Portanto, existe uma visível complementaridade entre as duas esferas, sagrada e profana, presentes nos festejos do Divino no Campeche. A festa traduz-se em confraternização e manifestação coletiva de quem faz (organiza) e quem somente participa (assiste) da festa como devoto ou espetador.

Considerações finais

A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação da religiosidade popular muito forte, trazida para o Brasil pelos açorianos, com considerável complexidade litúrgica, e, ao mesmo tempo, um ambiente festivo profano que expressa a vivência comunitária.

A Festa do Divino no Campeche constitui, apesar da sua história ainda bastante curta, o evento central dos festejos religiosos populares durante o ano litúrgico na comunidade local. Toda a sua performance ocorre em torno dos símbolos do Divino (a pomba branca) e dos símbolos da realeza, inerentes à organização da festa, gerando e detendo uma grande energia partilhada por todos os devotos, organizadores e participantes. A festa possui um caráter emblemático para a comunidade que a mantém, sendo um grande espetáculo para buscar milagres, graças e benefícios que o Divino Espírito Santo produz, prestigiar todas as graças alcançadas, fortalecer laços sociais e educar por meio das memórias coletivas da história da festa. A Festa do Divino é também uma verdadeira performance coletiva

espetacular, com cortejo imperial, foliões musicais tradicionais e ricos trajes ornamentais que atraem não somente os devotos, mas também o público em geral.

A tradicional Festa do Divino no Campeche está entre os festejos da religiosidade católica popular que detêm uma grande força restauradora, não somente nas relações de devoção dos organizadores e dos participantes ao Espírito Santo, mas também nas funções sociais, ao aproximar os indivíduos religiosos e reforçar os laços que os unem na comunidade, interligando religião e várias formas de sociabilidade. A realização desse tipo de festejos religiosos populares na comunidade fortalece a identidade local e o sentimento de pertença bem como difunde outros elementos do patrimônio cultural, presentes nos costumes e no folclore local. Enfim, a devoção popular coloca em prática aspectos relevantes da vida social que se desdobram para muito além da vida religiosa.

Por ser um fenômeno dinâmico, a Festa do Divino Espírito Santo não pode manter-se totalmente inalterada em todas as suas práticas e ritos ao longo dos séculos. No entanto, no Campeche, ela preserva, graças aos fatores determinantes acima apresentados, a sua essência e, aparentemente pela sua popularidade, não corre perigo de extinção.

Referências

- CASTRO, Lúcia Rabello de. Admirável mundo novo: a cadeia das gerações e as transformações do contemporâneo. In: COLINVAUX, Dominique; LEITE, Luci Braks; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.
- CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida. A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820). **Arquipélago História**, 2ª série, VII, 2003. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/384/1/Carlos_Cordeiro_p99-122.pdf. Acesso em: 09 maio 2017.
- LEAL, João. **O culto do divino: migrações e transformações**. Lisboa: Edições 70, 2017.
- MARIANO, Fabiene Passamani; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. “Trajetórias e transformações transatlânticas da Festa do Divino Espírito Santo nas Américas”, **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano XIV, n. 41, p. 71-97, set./dez. 2021. ISSN: 1983-2850. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.60504>;
- MAUÉS, Raimundo Heraldo. “A origem do Culto dos Santos: A promessa e o Milagre”. In: Padres, **Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: SESC SP, 2007.
- MESLIN, Michel. “Noção de Religião popular”. In: **Religião e cultura Popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PIAZZA, W. F. Moções e recomendações. **Ágora**, n. 8, p. 386-389, 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/12745>. Acesso em: 07 nov. 2022.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

Notas

- ² Para mais informações sobre a história da imigração açoriana no Brasil e em Santa Catarina, veja, por exemplo: Cordeiro e Madeira (2003); Piazza (1998).
- ³ Império é normalmente um pequeno edifício construído perto da igreja que parece uma pequena capela, e uma de suas funções é servir de local para abrigar as insígnias do divino entre o período dos festejos. No Campeche existe essa construção, mas para esses fins é usada a velha igreja, na qual as missas acontecem esporadicamente, pelo seu tamanho limitado – para as missas dominicais durante o ano utiliza-se o salão paroquial, no qual cabem mais pessoas.
- ⁴ Este processo continua acontecendo. Por exemplo, a comunidade vizinha do Campeche, Cachoeira do Rio Tavares, inaugurou a sua Festa do Divino somente em 1995, ainda sem capela própria, abrigando a festa num dos galpões de uma empresa local e espelhando-se nos modelos da festa celebradas na vizinhança, mas também introduzindo as suas próprias ideias, como a convocação de 12 “juizes” da festa, que devem ajudar ao casal festeiro na sua organização. Inclusive, é a festa dessa comunidade que, como a mais nova, abre, de costume, todo o ciclo de celebrações da Festa do Divino em Florianópolis.
- ⁵ E assim, de fato, acontece. Por exemplo, segundo as minhas observações, muitos habitantes das comunidades vizinhas aparecem na Festa no Campeche, sendo depois visitados pelo povo do Campeche durante a sua Festa do Divino – inclusive aparecem nas festas vizinhas os principais organizadores – os casais festeiros – como visitas honorárias.
- ⁶ Como estrutura ritualística da festa é considerada a realização de missas, procissões e festividades no pátio externo da igreja após os eventos religiosos.
- ⁷ Ultimamente houve queixas por parte das pessoas vindas de fora sobre os foguetes de manhã que assustam os cachorros, sendo muito mal-recebidas pelos habitantes nativos do Campeche.